

ORGANIZAÇÕES ESTADUAIS, FILIADAS À CAMPANHA NACIONAL CONTRA O CÂNCER

O Decreto que criou o S. N. C. (N.º 3643, de 2 de Setembro de 1941) deu-lhe atribuição para “organizar, orientar, controlar, em todo País, a Campanha contra o Câncer”.

Assim, a ação do seu primeiro diretor não se limitou a criar e desenvolver um órgão hospitalar na Capital da República. Procurou também estender a influência do Serviço na luta contra a doença nos Estados, estimulando a organização de uma rede de unidades assistenciais, filiadas à orientação técnica do órgão central.

A política adotada foi a de auxiliar-se a iniciativa privada, mediante convênios tríplices de subvenção, nos quais as entidades particulares entrariam com uma parte, a União com outra e o Governo Estadual com a terceira, na obrigação de, no total dos leitos, manter sempre dois terços gratuitos. Essa rede, em poucos anos, estendeu-se do Norte a Sul do País.

Ao deixar a direção do S. N. C., em janeiro de 1954, já havia várias em franca atividade funcional e completa independência administrativa.

Tive ocasião de visitá-las em companhia de assistentes, inaugu-

rando serviços ou novas instalações, fazendo conferências, dando conselhos ou levando até o material das nossas exposições educativas, organizadas de modo a ter facilidade de transporte e exibição. Às vezes, era obrigado a influir para harmonizar diretorias, com membros divergentes, chegando até a propor reformas de estatutos das mesmas, ou conciliar grupos locais, interessados no combate ao câncer, reunindo-os num só núcleo, ou dividindo as subvenções destinadas a cada instituição.

Em alguns Estados, a criação dessas entidades foi até forçada por mim, como aconteceu no Rio Grande do Norte. Em 1949, passei telegrama a um médico amigo em Natal, José Tavares da Silva, nos seguintes termos: “organistem aí, dentro de uma semana, uma Liga ou Sociedade, de combate ao câncer, registada em cartório, que darei 200 mil cruzeiros, do contrário perderei essa verba.”

Ao cabo de poucos dias, veio a resposta: “Fundada e registrada a Liga Norte Rio Grandense contra o Câncer, pelo Dr. Luiz Antonio”. Logo ele comprou por 130 mil cruzeiros uma chácara com prédio apro-

veitável para instalação de um Asilo, que constituiria um núcleo inicial, em torno do qual poderia pedir auxílio do público para desenvolver a obra. De fato, desenvolveu. No início para se manter mandou vender água na cidade, em barris, numa carroça, carregada por jumento.

O saldo de 70 mil cruzeiros deu-lhe ainda para comprar um microscópio, um aparelho de eletrocirurgia, utensílios, e proceder a adaptação do prédio às novas finalidades.

Em 1953 foi distribuída a verba de 6 milhões de cruzeiros a entidades sediadas nas seguintes cidades: Belém, Fortaleza, Natal, Recife, Macaíó, Aracajú, Salvador, Vitória, Curitiba, Belo Horizonte, Distrito Federal (Instituto de Oncologia e Clínica Ginecológica da Universidade, São Paulo, (Universidade de São Paulo e Centro de Medicina Nuclear), Pôrto Alegre, Pelotas e Uberaba.

Para 1954, ao deixar o Serviço, já constava, aprovada no orçamento, a verba de 7.500.000,00 cruzeiros, destinada a essas e outras, instituições em fase de instalação.

Meus sucessores na direção do S. N. C., primeiro Antonio Prudente

e depois Pinheiro Guimarães, seguindo a mesma orientação, triplicaram o número de organizações estaduais, aumentando-lhes as subvenções.

A elas tôdas e outras mais que se criaram, deu-lhes grande impulso o vultoso crédito de 100 milhões de cruzeiros, aprovado no Congresso em 1953, a propósito da Campanha Napoleão Laureano, projeto apresentado por Jandui Carneiro, nosso companheiro na diretoria da Fundação Laureano.

Como encarregado desse setor, em minha administração, teve papel saliente o Dr. Jorge Marsillac, chefe da Seção de Organização e Controle do S. N. C., pôsto em que continuou prestando reais serviços à causa pública, depois de minha demissão.

Hoje, 1961, a rêde no País, grandemente ampliada, consta das seguintes unidades que procuram se aperfeiçoar cada cada vês mais, melhorando os meios de diagnóstico e tratamento dessa doença, objeto da atenção dos Governos, graças à insistência dos nossos cancerologistas.

Liga Amazonense Contra o Câncer
Presidente: Dr. José A. Palhano
Fundada em 1955.

Instituto Ofir Loyola
Presidente: Dr. Jean Bittar
Fundado em 1949 por Eugenio Soares

Liga Maranhense de Combate ao Câncer
Presidente: Governador do Estado,
Dr. Newton Belo
Fundada em 1953.

Sociedade Maranhense de Radiologia
Presidente: Dr. Cássio Reis Costa
Fundada em 1954.

Sociedade Piauiense de Combate ao Câncer
Hospital de Combate ao Câncer - Terézina
Presidente: Dr. Décio Genuino de Oliveira
Fundada em 1954.

Instituto de Câncer do Ceará
Presidente: Dr. Waldemar Alcântara
Fundado em 1949.

Liga Norte Rio-Grandense contra o Câncer
Presidente: Dr. Tavares da Silva
Fundada em 1949 por Luiz Antonio

Fundação Laureano - João Pessôa
Presidente: Dr. José Jandúhy Carneiro
Fundada em 1952 por Pompeu de Souza
e Mario Kroeff

Sociedade Pernambucana de Combate ao
Câncer
Hospital de Câncer do Recife
Presidente: Dulce Sampaio
Fundada em 1947.

Núcleo de Combate ao Câncer da Santa
Casa de Misericórdia de Maceió
Provedor: Dr. Luiz Calheiros Junior
Fundado em 1947 por Ib Gatto Falcão

Hospital de Cirurgia — Centro de Can-
cerologia — Aracajú
Presidente: Dr. Fernando Sampaio e
Oswaldo Leite
Fundado em 1949 por Augusto Leite

Hospital Santa Izabel — Aracajú
Diretor: Dr. Gileno Lima
Fundado em 1959.

Liga Bahiana Contra o Câncer
Hospital Aristides Maltez
Presidente: Dr. Carlos Aristides Maltez
Fundado em 1936 por Aristides Maltez.

Hospital Santa Izabel - Salvador
Diretor do Hospital: Dr. Aristides Novis
Diretor da Clínica: Dr. Adelaido Ribeiro
Fundado em 1952.

Serviço Estadual de Câncer da Bahia
Diretor: Dr. Ruy de Lima Maltez
Fundado em 1952.

Serviço Estadual de Câncer - Espírito Santo
Diretor: Dr. Afonso Bianco
Fundado em 1950 por Afonso Bianco.

Associação Feminina de Educação e Com-
bate ao Câncer - Vitória
Presidente: Dona Ilza Bianco
Fundada em 1952 por Ilza Bianco.

Liga Fluminense Contra o Câncer - Niterói
Presidente: Dr. Humberto Milton Dantas
Fundada em 1952.

Hospital Municipal "Antonio Pedro" - Niterói
Diretor da Clínica Ginecológica
Prof. Mário Pardal
Fundado em 1954.

Liga Campista Norte Fluminense contra o
Câncer
Presidente: Dona Josefa São Paulo Maireses
Fundado em 1954.

Associação Brasileira de Assistência aos
Cancerosos
Presidente: Dr. Alberto Lima de Moraes
Coutinho
Fundada em 1939 por Mário Kroeff

Instituto Brasileiro de Oncologia
Presidente: Dr. João dos Reis Ferreira
Machado
Fundado em 1941 por Doellinger da Graça

Fundação Bela Lopes de Oliveira
Diretor: Dr. Waldemar Dias da Paixão
Fundada em 1949 por Virginia Lopes de
Oliveira.

Legião Feminina de Educação e Combate
ao Câncer
Presidente: Dona Elvira Ferreira Vianna
Fundada em 1951 por Ingeborg Coutinho
e Heloisa Marsillac.

Sociedade Brasileira de Cancerologia
Presidente: Dr. Alberto Lima de Moraes
Coutinho
Fundada em 1949 por Mario Kroeff.

Clínica Ginecológica da Faculdade Nacional de Medicina - Rio
Titular: Alvaro de Aquino Salles
Fundada em 1953 por Arnaldo de Moraes (Serviço de Prevenção do Câncer)

Clínica de Tumores da Santa Casa de Misericórdia - Rio
Diretor: Dr. Vilela Pedras
Fundada em 1950 por Costa Junior.

Clínica de Câncer da Beneficência Portuguesa — Rio
Chefe: Dr. Adayr Eiras de Araújo
Fundada em 1953 por Adayr Eiras de Araújo.

Clínica Maurity Santos — Hospital da Gambôa - Rio
Chefe: Dr. Silvio Lemgruber
Fundada por Maurity Santos.

Coordenação de Prevenção e Assistência ao câncer — Estado da Guanabara
Diretor: Dr. João Jacques Dornelles
Fundada em 1952 por João Jacques Dornelles.

Associação Paulista de Combate ao Câncer
Presidente: Dr. Haroldo Levy
Fundada em 1934 por Antonio Prudente

Instituto Arnaldo Vieira de Carvalho
Presidente: Prof. Ayres Neto
Fundado em 1921.

Centro de Medicina Nuclear - São Paulo
Diretor: Dr. Tede Eston
Fundado em 1953 por Tede Eston.

Liga Paranaense de Combate ao Câncer
Presidente: Dr. Adeodato Orlando Volpi
Fundada em 1947 por Erasto Gaertner

Instituto Roentgen de Combate ao Câncer - Rio do Sul
Diretor: Dr. Clovis Von Harthentall
Fundado em 1953 por Harthentall

Associação Catarinense de Medicina
Presidente: Dr. Armando Valerio de Assis
Fundada em 1955 por Muniz de Aragão.

Associação Sul Riograndense de Combate ao Câncer (Ex-Sociedade Médica de Combate ao Câncer)

Presidente: Sr. Manlio Agrifoglio
Fundada em 1941 por A. Saint-Pastous

Santa Casa de Misericórdia de Pelotas
Provedor: João Rouget Perez
Fundada em 1954.

Clínica Cesar Santos — Passo Fundo
Diretor: Dr. Cesar Santos
Fundada em 1954.

Hospital Santa Lúcia — Cruz Alta
Diretor: Dr. H. Westphalen
Fundada em 1956.

Hospital de Caridade "Dr. Astrogildo de Azevedo" - Sta. Maria
Provedor: Dr. Alcides Roth
Fundado em 1954.

Instituto Borges da Costa - Belo Horizonte
Presidente: Dr. Oswaldo Borges da Costa
Fundado em 1921 por E. Borges da Costa

Associação Mineira de Combate ao Câncer - Belo Horizonte
Presidente: Prof. Luiz Adelmo Lodi
Fundada em 1954.

Associação de Combate ao Câncer do Brasil Central
Presidente: Dr. Helio Angotti
Fundada em 1952 por Mario Palmerio

Serviço Estadual de Câncer de Minas Gerais
Hospital de Câncer de Belo Horizonte
Diretor: Dr. Eduardo Tavares
Fundado em 1951.

Associação de Combate ao Câncer em Goiás
Presidente: Dr. Alberto Augusto de Araújo Jorge
Fundada em 1956.

Associação Matogrossense de Combate ao Câncer
Presidente: Dr. Ivo Ricci
Fundada em 1954.

Associação Campograndense de Combate ao Câncer
Presidente: Dr. Alberto Neder
Fundada em 1954.

Santa Casa de Misericórdia de Rio Branco
Provedor: Dr. Milton Matos Rocha

* * *

Ao finalizar esta resenha documentada de minhas atividades profissionais, à frente da campanha contra o câncer no Brasil, durante 16 anos, tenho consciência de haver cumprido meu dever, como médico e cidadão.

E, no acervo dos serviços prestados a meu País, além dos quatro Hospitais a que levei, sem dúvida, a minha pedra construtiva — Centro de Cancerologia — Hospital Instituto Nacional de Câncer — Asilo de Assistência aos Cancerosos (Hospital Mario Kroeff) — Hospital Laureano — referidos no texto deste fascículo, posso adicionar ainda mais um: Hospital dos Servidores do Estado.

HOSPITAL DOS SERVIDORES DO ESTADO

Na construção desse grande bloco hospitalar, em nossa cidade, trabalhei durante 11 anos. Acompanhei-a de perto, desde 1934, com a escolha do local, à rua Sacadura Cabral, ocupado por uma velha Serraria, com depósito de madeira, até o final da estrutura com 12 andares, terminada em 1945.

Foi Salgado Filho, então Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, que me nomeou integrante de um Conselho, composto de funcionários, encarregado de crear para o funcionalismo federal um órgão de assistência médica.

Era presidente desse Conselho, Mario de Moraes Paiva, que teve atuação importante na fase inicial, quando de sua criação, enquanto que a mim tocou influir na parte médico-hospitalar.

Vale a pena contar um pouco da sua história, hoje tão esquecida. A idéia veio de Mario Moraes Paiva, diretor no Ministério do Trabalho, ao tempo do Ministro Salgado Filho, em 1934. Foi logo apoiada por Osvaldo Aranha, então Ministro da Fazenda, numa das reuniões que costumava convocar de tempo em tempo para representantes designados de cada ministério civil, afim de, em comum, discutirem os assuntos de interesse de cada Pasta, sempre secretariados por Rubem Rosa, seu direto auxiliar. Numa delas, presentes Rezende Silva, Manoel Marques de Oliveira, Contador Geral da República e outros, Mario Paiva pleiteava para os funcionários o restabelecimento da licença prêmio, uma colônia de férias, um ambulatório, ou um hospital para Servidores Civis, que nada possuíam no setor da assistência, enquanto que os militares tinham tudo. Foi quando Osvaldo Aranha aceitou a idéia do Hospital e mandou logo Paiva sugerir a seu chefe, Salgado Filho, tomar a iniciativa de uma proposta nesse sentido ao Presidente Vargas, sobre a qual desde logo reafirmava seu inteiro apoio.

O Ministério do Trabalho, então, expôs ao Chefe do Governo que havia um saldo de cerca de 630.000 cruzeiros, oriundo de um Fundo Especial, destinado aos "serviços de localização dos trabalhadores" e resultante de descontos já feitos sobre o funcionalismo, propondo se aproveitasse o dito saldo, na construção do Hospital do Funcionário Público.

O Decreto 24.217, de 9 de maio de 1934, não só aproveitou aquela verba, como mandou nomear o Conselho Administrativo do Hospital do Funcionário Público.

Dáí veio, em seguida, outro Decreto, sugerido por esse Conselho, no qual o Governo concedeu o crédito de 3 milhões de cruzeiros, estabeleceu as bases da assistência médica aos Servidores Civis da União e regulamentou o funcionamento do Hospital (Decreto 24.668 de 11 de julho de 1934).

Esses foram os primeiros passos, no País, sobre assistência médica à classe dos Servidores Públicos.

Na época só existia o Instituto de Previdência dos Funcionários Públicos, desconhecendo para aposentadoria e pensões.

Foi ainda Osvaldo Aranha quem nos facilitou o terreno da rua Sacadura Cabral, pertencente ao Patrimônio da União.

Como médico participante desse Conselho, esbocei as plantas e elaborei os planos do novo Hospital, calculando a capacidade em proporção ao número dos funcionários federais, existentes na época, que orçava por 32 mil. (Hoje 300 mil)

Feita a concorrência pública entre arquitetos, obtive preferência ao projeto de Porto Dave. Mais tarde, foi êle modificado, com a colaboração de Felix Lamela, então técnico de hospitais, da União-Americana, e que aqui esteve trabalhando para as obras do Hospital. Daí, dez anos se passaram na luta das concorrências públicas para sua construção, sempre observado rigorosamente o Código de Contabilidade. Outro problema foi o da obtenção das verbas orçamentárias anuais, ora concedidas, ora negadas, sem possibilidade de fugir ao ritmo habitual das obras públicas. Por mais de um período orçamentário, ficamos sem dotações, com as obras meio paralisadas. O Ministro da Fazenda, então Artur Souza Costa, sempre relutante na concessão dos auxílios às obras públicas, desculpava-se, alegando que a União era como uma criança, que precisava ser educada nos seus gastos. Cumpre esclarecer que os membros do Conselho nunca se beneficiaram dos "jetons" habituais, em nossa época. Em 1942, já completa a estrutura, fui incumbido da aquisição do equipamento. Achava-me em Washington, para onde viajara com a finalidade de adquirir radium, para o Serviço Nacional de Câncer. Com a verba destinada à compra de uma grama, consegui, através do Governo Americano, trazer duas, além de um aparelho de "radon".

Permaneci um ano nos EE. UU., desde julho de 1942 até novembro de 1943, pleiteando, junto às autoridades americanas, licença primeiro para comprar e depois para exportar o material. Tudo era difícil e ne-

gado, ou então concedido a muito custo, principalmente o que representasse material de esforço de guerra. A América dava sua maior cartada na grande guerra tentando a invasão da Europa através de Casablanca. A lavanderia só teve autorizada sua exportação como material reconicionado, o que importava em grande economia, visto como valia cinco vezes mais daquilo que, na época, se nos oferecia a precaria indústria nacional.

Perdi um ano ausente de minha vida profissional, com a clínica e consultório paralisados, até que foi liberado e embarcado todo o material. Várias levas de caixotes e engradados, arriscando-se aos submarinos e pagando seguros elevadíssimos, em navios do Loide Brasileiro, trouxeram o equipamento, móveis, instrumentos e utensílios adquiridos por preço em boas condições, graças aos favores do "Land and Lease", que interferia em todo comércio de exportação em tempo de guerra.

Emfim, já na fase terminal das obras, com o material entregue, com a frente do Hospital ajardinada e inauguração programada para Março de 1946 (aniversário do chefe do governo), o Presidente Vargas foi deposto, a 29 de outubro de 1945 e o Conselho do Hospital, onde eu então já exercia as funções de Presidente, foi substituído. Daí, todo aquele patrimônio, terreno, hospital, e equipamento, haver passado para o I. P. A. S. E., inclusive duas ambulâncias de luxo, tipo Crisler Imperial, ao preço de 75 contos cada uma. Toda a realização teve custo muito abaixo do comum. Despesas efetuadas até 31 de outubro de 1943 durante a presidência de Mario Paiva Cr\$ 17.542.467,00.— Despesas efetuadas de 1 de novembro de 1943 a 31 de outubro de 1945, durante a presidência de Mario Kroeff, 14.922.562,00, num total de Cr\$ 32.465.049,00. O valor total do material adquirido diretamente dos EE. UU. não atingiu o montante então remetido para a Delegacia Fiscal do Tesouro em Nova York, que era Cr\$ 4.000.000,00. Ficou ali um saldo para atender ao pagamento das compras a serem posteriormente rea-

lizadas pelos meus sucessores. Felizmente, a instituição destinada aos Servidores Públicos foi confiada às mãos capazes de Raimundo de Brito, que ponde dar àquele bloco arquitetônico seus verdadeiros destinos funcionais. Instalado em perfeitas condições técnicas, soube convocar um corpo clínico, de

primeira qualidade e imprimir-lhe uma orientação médico-hospitalar de alto padrão assistencial.

Conforta-me a idéia de haver também prestado um serviço à classe a que pertencço, nesse setor, já fóra do campo especializado da Cancerologia.